

Entre alfinetes e babados em *Prêt-à-Porter* (1994): crítica a sociedade de consumo

Grace Campos Costa¹

Os estudos sobre moda ainda estão crescendo dentro dos espaços acadêmicos, sobretudo na disciplina histórica. Paulatinamente, as pesquisas se centram mais no estudo da vestimenta como uma expressão dotada de significações sociais, do que uma cronologia linear de mudanças e rupturas sobre as roupas.

Até mesmo os manuais de estilos, geralmente escritos por jornalistas de moda, ex-modelos ou profissionais do ramo, tem uma consciência grande em instruir o seu leitor sobre o assunto, do que dizer o que é certo ou errado como outrora.

Entretanto, investigações acadêmicas mais antigas, consideravam a moda como elemento de distinção social e sexual. Os próprios estudos da filosofa Gilda de Melo e Souza, em *O Espírito das Roupas*², fruto da sua tese de doutorado da década de 1950, aproximava desta afirmação. O vestuário servia para definir classes sociais, além de ressaltar a feminilidade ou masculinidade.

No campo historiográfico, com o movimento da Nova História, surgiu a preocupação para investigar nos objetos, problemas e métodos. Neste período, o historiador Fernand Braudel³, ao fazer um estudo amplo sobre o mediterrâneo, propõem um capítulo para discutir moda e cultura material, a fim de compreender a idéia no “novo”, onde os trajes são expressões máximas de transformações sociais.

Contudo, a moda nos apresenta outras facetas, sendo um grande elemento visual para compreender os fenômenos sociais, políticos, econômicos e principalmente, culturais do contemporâneo. Na metade do século XX ela foi preponderante para

¹ Mestranda na linha de Linguagens, Estética e Hermenêutica pela Universidade Federal de Uberlândia, bolsista CAPES e integrante do NEHAC. Email: gracecamposcosta@gmail.com

² SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: A moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³ BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo*. Vol. 1 – As estruturas do cotidiano: O possível e o impossível. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



compreender mudanças comportamentais e revolucionar o papel do jovem e do consumismo atual.

O presente trabalho não dialoga apenas com a história e moda, mas também com moda e cinema, cujo debate não encontra saturado. Existem poucas obras que relacionam a junção da sétima arte com tal temática, apesar de muitos filmes trabalharem com o universo da moda, como é o caso de *Prêt-à-Porter*.

Prêt-à-Porter foi escrito, produzido e dirigido por Robert Altman, no ano de 1994. A trama se passa na Semana de Moda em Paris, com vários personagens referentes ao mundo da moda: estilistas, modelos, editores de moda e fotógrafos que se interligam ou não durante o filme.

Diversos temas foram trabalhados em seus filmes, como a questão da AIDS, do preconceito racial, do estilo de vida country norte-americano e entre outros. Em 1994, ele lança um filme novamente polêmico e com um tema que muitos podem considerar fúteis – em detrimento aos citados acima – o mundo da moda.

A crítica se dividiu perante o filme *Prêt-à-porter*, que entrava sem pedir licença ao mundo da moda, mesclando documentário com ficção a fim de mostrar o principal desfile de moda em Paris. Semelhante ao seu filme anterior, *Short Cuts – Cenas da Vida* (1992), a utilização de um grande elenco, cenas rápidas e histórias diferentes interligadas em uma única trama, mostrava um recurso que posteriormente o diretor utilizou em *Prêt-à-porter*.

É válido analisar as críticas do filme, no ano de sua produção. Jornais, revistas de cinema e publicações de moda mostraram a sua opinião acerca do filme, que não passou despercebido. Profissionais do ramo da moda foram consultados para dar o seu julgamento de um filme tão crítico com esta indústria.

Investigaremos as diferenças entre as diferenças críticas dos profissionais que atuam no mercado de moda e os jornalistas críticos de cinema. Será que podemos visualizar uma diferença de opinião?

Apesar do historiador se esforçar para compreender como o filme foi recebido pelo expectador, é muito difícil ter registro sobre o sentimento que a película provocou em



cada pessoa que teve contato com a obra. Posto isto, utilizaremos uma série de críticas promovidas durante o lançamento do filme, de publicações nacionais e internacionais.

O filme lançado em 1994 não passou despercebido pela crítica tampouco para o público. Apesar do estilo da narrativa do cineasta não ser uma surpresa – com uma gama de personagens, cortes rápidos, câmera frenética e histórias separadas, mas que são unidas sobre um mesmo tema – Altman surpreende pela escolha do assunto.

Mesclando imagens de semana de moda parisiense com histórias ficcionais, Robert Altman se inspirou em trabalhar o tema logo após assistir ao um desfile de moda em Paris. Em uma entrevista concedida a Folha de São Paulo, do dia 20 de Dezembro de 1994, Robert Altman responde como foi entrar no mundo da moda para produzir o filme:

Folha - O sr. gosta de investigar a fundo em diversos segmentos da sociedade – a música country em "Nashville", Hollywood em "O Jogador". Como foi viver no mundo da moda?

Altman - Foi uma experiência fascinante. Foi como penetrar numa arena. Muita gente diz que o mundo da moda é um circo e, se esse for o caso, então é um circo maravilhoso. Eu já vinha desenvolvendo este projeto há mais de uma década, mas eu nunca havia conseguido o dinheiro necessário para o filme.⁴

Neste trecho Robert Altman revela que sempre apostou no projeto, mas faltavam recursos financeiros. No capítulo anterior, Altman se empenha para não se curvar diante de uma indústria que valoriza blockbusters em detrimento de outras produções. O cineasta, ao longo da carreira, teve que conciliar os seus projetos autorais com o processo mercadológico exigido pela indústria cinematográfica.

⁴ JOORY, Eva. **Robert Altman investiga o planeta fashion**. Folha de S. Paulo. São Paulo, 20 dez. 1994. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/12/20/ilustrada/1.html> >.

Tal tema poderia gerar mal estar entre os grandes estilistas que de alguma forma se sentiram criticados ou até mesmo sendo caricaturados por alguns personagens. Em um determinado momento, vamos analisar que durante a exibição do filme, pessoas que trabalhavam no mundo da moda se sentiram ofendidos com a película.

Contudo, na mesma entrevista, Robert Altman se defende:

Folha - Então, ao contrário do que muita gente pensa, o sr. não ataca o mundo da moda em "Prêt-à-Porter"?

*Altman - De jeito nenhum. Meu filme é uma investigação sobre este mundo. Apenas isto.*⁵

Apesar de alegar constantemente nas entrevistas que o filme não era para criticar ninguém, ao longo das críticas selecionadas podemos perceber um desconforto com aqueles que trabalham no ramo da moda. Através da experiência que o filme causa do expectador, podemos investigar qual foi a reação do público perante Prêt-à-Porter.

O historiador Alcides Freire Ramos salienta a importância do historiador em selecionar e analisar as críticas sobre o filme para compreender a relação do público com a obra:

[...] podemos tentar reconstruir a diversidade de recepções/interpretações do filme em questão a partir das evidências mais palpáveis que estão disponíveis para nós: os textos produzidos pelos críticos cinematográficos, tomados de forma global. [...] Provavelmente, isso tornará possível o restabelecimento da diversidade/complexidade do fenômeno de produções de significado⁶.

Postas estas considerações, selecionamos uma série de críticas sobre o filme, todas escritas na época de lançamento do filme. Optamos por jornais que tivessem

⁵ Ibidem.

⁶ RAMOS, Alcides. **Pensando o processo de recepção/produção de significados**. In: Canibalismo dos Fracos: Cinemas e História do Brasil. Bauru: EDUSC, 2002, p. 52-53.

maior visibilidade e um grande número de leitores. Não restringimos a nacionalidade das publicações, a fim de mostrar os diferentes pontos de vista dos críticos e até mesmo a tentativa da proibição do filme em alguns países.

Para ajudar a desenvolver essa análise utilizamos como base fundamental os textos do teórico Wolfgang Iser, através da sua obra *O ato da leitura – uma teoria do efeito estético*, que através da análise de textos literários, ele propõem uma dinâmica que visa compreender o seu autor, a obra e a recepção do seu leitor. Destarte, o efeito da obra da obra ficcional sobre o seu leitor deve ser levado em consideração. Iser explica a importância da recepção ao estudar determinada obra:

O efeito estético deve ser analisado, portanto na relação dialética entre o texto, leitor e sua interação. Ele é chamado de efeito estético porque – apesar de ser motivado pelo texto – requer do leitor atividades imaginativas e perceptivas, a fim de obrigá-lo a diferenciar das suas próprias atitudes. [...] Se a análise da literatura se origina da relação com textos, então não se pode negar que aquilo que nos acontece através do texto seja de grande interesse. Não consideramos um texto aqui como um documento sobre algo, que existe – seja qual for a sua forma –, mas sim como uma reformulação de uma realidade já formulada. Através dessa reformulação advém algo ao mundo que antes nele não existia⁷.

A partir desses pressupostos devemos ficar atento pelas interações que ocorrem entre o leitor (no nosso caso, a crítica) com o texto. A crítica age diretamente sobre a obra, fazendo outras leituras possíveis, alterando o seu sentido original através da sua consciência imaginária.

⁷ ISSER, Wolfgang. **O ato da leitura – uma teoria do efeito estético**, v.1. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. p. 16.



Sobre o distanciamento da idéia original do cineasta ao fazer o filme ao leitor da sua obra, podemos compreender através de uma de um balanço que a Folha de São Paulo fez com pessoas inseridas na moda sobre o filme no ano de 1995:

Mesmo com a maioria do mundo da moda ausente, devido à temporada de desfiles em Paris, a pré-estréia de "Prêt-à-Porter", anteontem em SP, atraiu convidados interessados no polêmico filme de Altman. O filme, que estreou nos EUA em dezembro do ano passado, só conseguiu despertar a raiva do mundo da moda americano e principalmente europeu, todos incomodados com a ironia do diretor. Na semana passada, o estilista Karl Lagerfeld entrou com uma ação para impedir que o filme estreasse na Alemanha, seu país de origem. Lagerfeld alegou que o filme se referia a ele de forma difamatória, usando as palavras "plagiador e ladrão". Esta semana, por decisão de um tribunal de Munique, a versão alemã do filme recebeu bips sonoros para encobrir os insultos. Em SP, o filme também dividiu opiniões. Poucas pessoas ficaram no meio termo. O fotógrafo Bob Wolfenson adorou: "O filme faz uma crítica pertinente ao mundo da moda, mas dá uma esperança". A diretora do Phytoervas, Cristiana Arcangeli achou o enredo fraco: "Ele tinha material muito melhor para fazer o filme". A modelo Lara Gerin resume o filme de forma concisa: "O melhor é quando os atores pisam no cocô de cachorro". "Achei o filme uma bobagem e démodé", diz a produtora Monica Mendes. "Os desfiles são tão passados que não interessam mais ninguém", conclui. O fotógrafo Márcio Neves concorda: "O filme já é antigo na pré-estréia. Tudo que ele mostra já foi visto. Já a estilista Pirilena Lacerda, riu muito com a história: "Ele faz um deboche e é óbvio que nenhum estilista ou mesmo modelo vão gostar". Um dos que simpatizaram com "Prêt-à-Porter" foi o decorador Conrado Malzone: "Gostei da cena final e principalmente da performance de Sophia Loren". Essa não é opinião do diretor de desfiles Paulo Borges, que assistiu o filme em Paris, com o maquiador Duda Molinos: "É irritante ver Sophia Loren montada daquele jeito. O melhor é Julia Roberts vendo os desfiles pela TV". Molinos é mais condescendente:



"É ficção, mas é divertido".

Em Paris, o editor de moda da revista "Vogue", Giovanni Frasson, decidiu-se por não assistir ao filme: "Me falaram que é tão chato!". Já Costanza Pascolato observou que o filme peca porque "não é nem documentário, nem ficção".⁸

Convidados especiais, como a produtora de moda Erika Palomino, os estilistas Lorenzo Merlino e Walter Rodrigues e a ex-modelo Virginia Punko escreveram críticas separadas sobre o filme, no jornal, reforçando o preconceito em que o cineasta trouxe o assunto moda as telas.

Por fim, o objetivo da pesquisa é contribuir com o debate acerca moda e cinema, além de verificar que a obra estudada não tem sentido fixo, como pode se perceber na interpretação que outros leitores – através dos críticos – fizeram com o filme de Robert Altman, além de ampliar os debates sobre moda e cinema.

⁸ Pret-a-porter divide mundo fashion em São Paulo, 25 de março de 1997, Guto Barra.



Bibliografia:

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**. Vol. 1 – As estruturas do cotidiano: O possível e o impossível. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JOORY, Eva. **Robert Altman investiga o planeta fashion**. Folha de S. Paulo. São Paulo, 20 dez. 1994. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/12/20/ilustrada/1.html>>.

ISSER, Wolfgang. **O ato da leitura – uma teoria do efeito estético, v.1**. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996

RAMOS, Alcides. **Pensando o processo de recepção/produção de significados**. In: Canibalismo dos Fracos: Cinemas e História do Brasil. Bauru: EDUSC, 2002

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: A moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.